



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GT TEORIAS DO ESPETÁCULO E RECEPÇÃO - HIBRIDISMOS, INTERDISCIPLINARIDADES E PRÁTICAS INTERCULTURAIS NA CENA EXPANDIDA

A SUPERAÇÃO DOS BINARISMOS DE SEXO E GÊNERO NO FILME O BEIJO DA MULHER ARANHA

CARLOS FREDERICO BUSTAMANTE PONTES

O trabalho pretende delinear, a partir do filme *O Beijo da Mulher Aranha* (1985), as características constitutivas das identidades de sexo e gênero dos dois personagens centrais observadas através de seus discursos e comportamentos. Em um microcosmo ficcional visto enquanto metáfora do macrocosmo social no qual os binarismos de sexo e gênero se apresentam naturalizados, a análise da obra nos permite observar como a rigidez estanque de tais construções identitárias pode ser superada, possibilitando, assim, o fecundo intercâmbio de ideias e afetos.

PALAVRAS-CHAVE: Sexo; Gênero; Cinema; Binarismo.

RESUMEN

El documento pretende delinear, a partir de la película *El beso de la mujer araña* (1985), las características constitutivas de las identidades de sexo y género de los dos personajes centrales vistos a través de sus discursos y comportamientos. En un microcosmos de ficción visto como una metáfora del macrocosmos social en el que los binarismos del sexo y género se presentan naturalizados, el análisis de la obra nos permite observar de que modo la rigidez de tales construcciones de identidad se puede superar, lo que permite así, el fructífero intercambio de ideas y afectos.

PALABRAS-CLAVE: Sexo; Género; Cine; Binarismo.

- 4210 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

The overcoming of sex and gender binarisms in the movie *The Kiss of the Spider Woman*

ABSTRACT

This article aims to outline, from the film *Kiss of the Spider Woman* (1985), the two central character's features which compose their sex and gender identities represented by speeches and behaviours. In a fictional microcosm seen as a metaphor of the social macrocosm in which the binary of sex and gender are presented naturalized, the analysis of the work allows us to observe how tight restrictions of such identity constructions can be overcome, allowing thus the fruitful exchange of ideas and affections.

KEYWORDS: Sex; Gender; Cinema; Binarism.

Introdução

Entre 1981 e 1982, há mais ou menos 36 anos, assisti a um espetáculo teatral no Rio de Janeiro protagonizado pelos atores Rubens Corrêa e José de Abreu. A recepção deste trabalho, na ocasião, foi bastante impactante e marcou aquele momento de minha vida. Não por acaso estou agora, depois de tantos anos, escrevendo sobre esta mesma história, mas, neste momento, motivado pelo longa-metragem que, assim como o espetáculo, tem como título em português *O Beijo da Mulher Aranha* (1985). Tanto a dramaturgia da peça teatral quanto do roteiro cinematográfico foram adaptados da novela homônima, do argentino Manuel Puig, publicada no México em 1976.

Nos diálogos que compõem a narrativa de *O Beijo...*, o comportamento dos dois personagens centrais e o relacionamento entre eles (tanto na novela quanto no espetáculo e filme) apontam, num primeiro momento, para uma explícita e aparentemente inconciliável diferença de visão de mundo motivada por aspectos ideológicos e pelas distintas identificações pessoais, orientações sexuais e identidades

- 4211 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

de gênero de cada um. Estas diferenças serão o mote temático do filme e do conflito que se dará entre os dois protagonistas.

São principalmente estas diferenças (dentre outras que existem, é claro) relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero diversas da heteronormativa, o que em geral incitam e promovem o preconceito, a discriminação e a violência que perpetuam os abismos relacionais entre as pessoas e causam diferentes sofrimentos. Foram estas explicitude e verossimilhança de temas afins aos citados, em face das situações vivenciadas pelos dois protagonistas, o que mais me impactou quando assisti ao espetáculo, tanto pelo fato de eu nunca ter estado diante da representação de temáticas acerca das questões de gênero e sexualidades no teatro, quanto pela forma como as mesmas foram tratadas.

No final do prefácio do livro *Manifesto contrassexual* (2014), da/o filósofa/o Beatriz/Paul Preciado, a/o socióloga/o Marie-Hélène/Sam Bourcier (2014, p. 14) diz que:

O século [21] se anuncia como um tempo de mudança nos discursos e nas práticas da sexualidade. [...] Pela primeira vez os gays, as lésbicas e os transexuais começam a escrever sua própria história.

Assim, é em consonância a este contexto histórico envolvendo a pesquisa atual anunciado por Bourcier que me insiro hoje como pesquisador, docente e artista, refletindo sobre (e a partir de) minha própria história de vida e contextualizando-a, teoricamente, por meio das experiências que me marcaram e constituíram até aqui¹. Tais vivências e percepções fazem com que eu me posicione hoje, na academia e fora dela, enquanto um indivíduo do sexo masculino cisgênero², de orientação homossexual, branco, de meia-idade e oriundo de camadas médias do sudeste do Brasil.

¹ A contribuição que pretendo dar com o estudo, distinto de outros que já existem sobre o filme, é a correlação da análise da obra, teoricamente, com a minha história pessoal e familiar.

² Nos estudos de gênero, cisgênero é o termo que designa pessoas que se identificam ao gênero correspondente ao que lhes foi indicado em seu nascimento. O termo problematiza a norma hegemônica que deu suporte à legitimação dos gêneros masculino e feminino como os únicos “naturalmente” existentes e em que num dos quais as pessoas “saudáveis” e “normais” devem se identificar.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

A filósofa e feminista Sandra Harding (2002) afirma que os marcadores culturais que constituem o sujeito/pesquisador/a real, situado em um contexto histórico e com “deseos e interesses particulares y específicos” (HARDING, 2002, p. 25), devem estar no mesmo plano crítico do objeto da pesquisa. Pois esta postura científica nova faz com que se recupere “de esta manera el proceso entero de investigación para analizarlo junto com los resultados de la misma” (p. 25). Segundo Harding, não há como o resultado empírico dos estudos tradicionais acadêmicos, sexistas e androcêntricos, não sofrer a influência do posicionamento do/a pesquisador/a. Assim, para a autora, as crenças e práticas culturais do/a cientista, mascaradas por uma postura “objetivista”, só conduzem a uma manipulação dos resultados que, em suas conclusões, vão ser orientados por tais direcionamentos culturais ocultos.

La introducción de este elemento “subjetivo” al análisis incrementa de hecho la objetividad de la investigación, al tiempo que disminuye el “objetivismo” que tende a ocultar este tipo de evidencia al público. Esta forma de relación entre o investigador y el objeto de investigación suele denominarse como la “reflexividad de la ciência social” (HARDING, 2002, p. 26).

Ao estar ciente deste fator de flexibilidade da pesquisa nas ciências sociais, trabalhei com base neste pressuposto teórico-metodológico que considera a subjetividade do/a pesquisador/a como elemento importante e necessário à compreensão do processo inteiro de análise de um determinado objeto. Esta perspectiva diferenciada de estudo me levou a estabelecer alguns pontos de contato entre objeto em questão e minha individualidade enquanto pesquisador, no intuito de, como diz Hardind, recuperar o processo como um todo em face da relação deste com os resultados da pesquisa.

1. A relação entre o pesquisador e o objeto analisado

Subjetivado desde a infância por vivências que sempre aludiram à minha orientação sexual, em face de um contexto familiar, cultural e sóciopolítico conservador e muitas vezes hostil, fui e continuo sendo constituído a partir de experiências que apontam para o momento histórico no qual também me localizo: a transição entre meados do século



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

20 e o início do século 21 e as muitas, rápidas e significativas transformações que esta transição me levou a experienciar e ainda experiencio hoje.

Nasci em 1965, um ano após a deflagração do Golpe de 64 no Brasil e em uma década que fomentou também o início de relevantes transformações sócio-políticas e culturais pelo mundo afora. Sou filho de pai militar e mãe artista. Cresci tanto sob a égide rígida e patriarcal em meio a uma ditadura que se dava dentro e fora de casa quanto sob uma dinâmica de experiência mais emocional e imaginativa propiciada pela criatividade e sensibilidade artísticas de minha mãe.

Pintora, cantora e compositora, o exemplo materno possivelmente me favoreceu (a partir de um processo de identificação) o desenvolvimento de minha criatividade, imaginação e sensibilidade artística, que acabou por me conduzir à posterior escolha profissional pelo teatro. Tanto o apuro de meu senso estético, o contato estreito com o universo imaginário e a necessidade de autoexpressão emocional tiveram, de forma bem provável, o fomento do exemplo de minha mãe. Tenho lembrança de, ainda pequeno, dançar e me expressar livremente pela sala de casa, como Isadora Duncan, trajando camisolas esvoaçantes de minha mãe.

Por outro lado esta maior aproximação com o “mundo feminino”, materno, em contraste com o que me impunha o âmbito social frente à minha identidade de gênero masculina, propiciou a constituição de um comportamento mais emocional, fantasioso e gerou também uma maior introspecção, timidez e alienação em face da realidade mais cotidiana. Procurava me resguardar do enfrentamento social (e paterno) voltando-me para a imaginação, reflexão de ideias filosóficas, vivências criativas, transgressoras e me posicionando, de certa forma, alheio às necessidades materiais que, em geral, “o mundo masculino” nos exige. Por este motivo houve uma demora significativa na estruturação de uma profissão que me garantisse a autonomia e a sobrevivência materiais.

Já meu pai me legou, conjuntamente, um senso de determinação, em face da conquista de seus objetivos profissionais, que foi visível por meio da tenacidade com a qual ele buscou se desenvolver desde muito novo (ao ingressar na marinha com 15 anos) e ao conseguir alçar um status social relevante na carreira militar. Por outro lado a vivência

- 4214 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

paterna me legou também uma grande necessidade de me contrapor (em função de uma forte desidentificação) a um modelo masculinista cis/heteronormativo que ele reproduzia na vida familiar e que, por sua vez, lhe foi legado também por uma educação em moldes patriarcais e pela rigidez do militarismo nos quais se subjetivou.

Assim, estas experiências de ordem parental tão diversificadas, e que constituíram as minhas noções referenciais de sexo e gênero, propiciaram um olhar sobre tais noções que produziram uma polarização quanto ao significado de “ser masculino” (percebido por mim como conservador, viril, rígido, aguerrido, pragmático e racional) e de “ser feminino” (observado como sensível, romântico, criativo, imaginativo e sentimental).

Desta forma, foi pela necessidade de desconstrução deste ponto de vista “generificado” (e dicotômico) segundo o qual cada um/a de nós vai se desenvolver ao longo da vida, que escolhi estudar e refletir sobre as categorias de sexo e gênero por meio da análise de obras teatrais e cinematográficas que tematizassem a problematização de tais questões. Os binarismos macho/fêmea e masculino/feminino (que deram origem às noções de sexo e gênero tradicionais) permitiram que certos pares de opostos fossem compreendidos enquanto características “essenciais” e “naturais” do homem e da mulher. São estas configurações subjetivas e objetivas “generificadas”, e apreendidas socialmente desde a infância, que vão definir pouco a pouco a constituição de nossas posições de sujeito (em âmbito individual e também coletivo). David Le Breton (2014, p. 19) a esse respeito, diz:

O indivíduo constrói a evidência de seus comportamentos como homem e mulher, sem ter sempre a consciência disso, pois adquiriu o princípio desses comportamentos ao longo da infância, através da socialização, e sua confirmação depende do jogo comum da existência.

É a confirmação social destes comportamentos estanques acerca do significado de ser homem ou mulher, que sempre me incomodou, o que pretendo tentar desconstruir a partir da análise dos personagens centrais do filme em questão. Marcio Pizarro (2005, p. 228), com base em Derrida, diz que “o que a desconstrução propõe é o jogo da



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

duplicação dos discursos, da sua expansão na direção inversa, de modo a ressaltar o que se recalca tanto de um lado quanto de outro” a fim de minar os binarismos vigentes e nos possibilitar um novo jogo de olhar e experiência menos rígidos e mais fluidos, intercambiáveis.

Talvez, o mais importante, no momento atual da pesquisa, seja o do encontro entre o gênero – a identidade aprendida socialmente – com as formas de sua locupletação nas outras discursividades, na sexuação dos demais textos da cultura. Assim, há sexo no trabalho, nos direitos civis, na epistemologia das ciências e na produção das obras de arte (PIZARRO, 2005, p. 228).

E, de fato, podemos analisar as obras de arte enquanto importantes espelhos de dinâmicas sociais através das quais identificamos, por meio dos diferentes discursos concebidos em tais obras, a crítica ou o reforço de certos padrões socioculturais. Assim, o filme, a peça teatral, etc., estarão ou a serviço do questionamento a esses padrões ou de sua reprodução. Pois a obra fílmica, cênica etc., em suas especificidades linguísticas, opera, enquanto “texto da cultura”, como elemento constituidor de sujeitos e subjetividades.

No longa-metragem, objeto de meu estudo, a partir da concepção metalinguística na qual a ficção literária de Puig foi adaptada à direção de Babenco, vê-se bem o exemplo deste aspecto de subjetivação que o cinema, no caso, contém e, ao mesmo tempo, a perspectiva “generificada” presente no enredo e nos comportamentos e atitudes dos dois personagens centrais analisados. Desta forma pontuei alguns momentos da obra fílmica nos quais é explícita a relação entre o cinema e os processos de subjetivação, bem como a relação destes processos com as questões de sexo e identidade de gênero, observadas por meio da análise dos protagonistas.

A perspectiva teórica de abordagem, análise do filme e dos dois personagens Molina e Valentin (a serem estudados em seus comportamentos, atitudes e visão de mundo) se deu pela ótica dos estudos de gênero e sexualidades contemporâneos. Nestes, conforme foi citado por Harding (2002) e Bourcier (2014), já começa a haver a presença efetiva do olhar e da experiência de vida do/a pesquisador/a em diálogo com o objeto pesquisado.

- 4216 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

É esta imbricação entre a análise fílmica, minha história pessoal e constituição subjetiva o que correlacionei através da pesquisa em questão.

Além disso, segundo Pizarro (2005), a necessidade que se percebe hoje é da forja de uma episteme na pesquisa acadêmica que leve em conta as categorias de sexo e gênero já presentes nos diferentes discursos da cultura. Pois é pela “sexualização das falas, das narrativas, do discurso” (p. 228) que pode ser observada a reverberação de atitudes e comportamentos claramente “generificados” e indicar posicionamentos coercitivos de uma pessoa (ou grupo) em relação à outra, excludentes quanto aos direitos individuais e restritivos frente às múltiplas e sempre diversas experiências subjetivas e

objetivas que permeiam a vida de cada indivíduo.

Por fim, há também, muitas vezes, a viabilidade de que aspectos subjetivos individuais influenciem mutuamente a dinâmica do encontro entre pessoas, na medida em que fomentam entre elas a possível troca efetiva e fecunda de visões de mundo que poderá gerar mudanças de posicionamento de uma e outra parte. No entanto, é necessário que haja uma abertura de cada sujeito a este jogo intersubjetivo de vivências que se dão em comum. É esta dinâmica de afastamentos e aproximações entre distintos sujeitos o que analisei no filme em questão, objeto de estudo da pesquisa em curso e marco simbólico de minha trajetória individual de constituição subjetiva.

2. O enredo do filme e os binarismos de sexo e gênero

Em *Cine Arco-Íris – 100 anos de cinema LGBT nas telas brasileiras*, Stevan Lekitsch (2011, p. 99) diz que o enredo de *O Beijo da Mulher Aranha* (1985) se passa em um “país não especificado, notadamente sob a ditadura de militares”, em que dois prisioneiros dividem uma mesma cela inóspita e minúscula. Um dos presos é Molina (William Hurt), “homossexual assumido e transformista, preso por corrupção de menores” (p. 99), e o outro é Valentin (Raul Julia), “homem rude e grosseiro, militante opositor político do regime. [...] Valentin tem completa repulsa por Molina, que é exatamente o oposto de tudo que ele é e em que acredita” (p. 99, grifo meu).

- 4217 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Na continuidade da história, Molina narra para Valentin, na forma de devaneios, “[...] histórias fantásticas, cheias de personagens glamourosos” (p. 99-100) através das quais ambos os protagonistas vão sendo distraídos e conseguindo abstrair um pouco a violenta e mortificante realidade na qual se encontram. Roberto Echavarren (1978, p. 67) diz que “em *El beso*, a la muerte del calabozo se opone la dimensión imaginaria como verdad y vida.”

Devagar, o contato entre os dois prisioneiros, mediado pela imaginação de Molina, aos poucos consegue aproximá-los e tocar a subjetividade e a sensibilidade de Valentin. Esta aproximação sutil os conduz a um intercâmbio fecundo de imagens internas, ideias individuais e visões de mundo. Esta troca entre eles vai gerar, com o tempo, uma abertura emocional mútua e, por fim, uma intimidade relacional e também sexual. Em face das condições adversas em que ambos os personagens se encontram, das histórias narradas por Molina e os cuidados que este último dispensa a Valentin (que está sendo continuamente torturado), os laços relacionais entre eles se estreitam e com o tempo efetivamente se estabelecem.

Em *A personagem homossexual no cinema brasileiro* (2002), Antônio Moreno (2002, p. 236) diz que a história de *O Beijo...* se passa em um “presídio de um país Latino-Americano não identificado.” Segundo Moreno, a convivência entre os dois personagens é difícil, pois “são duas personalidades diferentes entre si, cujo *único ponto em comum* é o de representarem, cada um a seu modo, uma ameaça ao Estado” (2002, p. 236, grifo meu). Moreno diz ainda que Molina vive “alienado da realidade que o militante político tenta passar para ele” (p. 236).

A partir destas informações sobre a obra fílmica, observo, através das duas sinopses desenvolvidas pelos autores citados, elementos que não só me aproximam pessoalmente da narrativa, como também descrevem estereótipos de gênero que polarizam as identidades dos dois personagens, visíveis inicialmente através de suas características particulares e comportamentos “generificados”. Através de seus posicionamentos individuais, fica nítido que cada um deles corresponde a um dos lados



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

do binômio masculino/feminino, apesar de ambos serem identificados como pertencentes ao mesmo sexo biológico.

Molina age de forma afeminada em seus gestos e Valentin de forma viril. De orientação homossexual, Molina se mostra delicado, fantasioso, imaginativo, sensível, alienado politicamente e desejoso por cuidar de Valentin (comportamento presumidamente “feminino”). Já este último é heterossexual e se mostra rude em seu comportamento, age de forma pragmática e racional, tem maneirismos grosseiros e é focado em sua consciência e ação políticas (comportamento presumidamente “masculino”).

Valentin rejeita e sente repulsa por Molina porque este último contradiz tudo o que o militante acredita e aprendeu como “certo” e “normal” no tocante ao comportamento socialmente adequado a um homem: sentir atração pelo sexo oposto, ter um posicionamento político definido, agir de forma viril em seu comportamento e gestualidade, ser objetivo, pragmático, enfim, comportar-se tal qual se espera que se comporte um “homem de verdade”.

A cis/heteronormatividade explícita de Valentin exclui e/ou subordina Molina fazendo com que este último seja visto como inferior pelo primeiro. Pois o comportamento masculino do personagem homossexual, diverso do molde erigido por uma masculinidade padrão e hegemônica, é visto como sendo anormal e marginal por Valentin (não por acaso Molina é condenado por corrupção de menores). A esse respeito, Tito Sena, Mara Lago e Miriam Grossi (2010, p. 239) afirmam que:

o deslocamento do conceito de norma e normal do biológico para o social e a emergência da doença mental na psiquiatria foram decisivos para a instauração de verdades nos corpos, produzindo subjetividades.

Assim, a expressão de gênero desviante de Molina, ao não corresponder às expectativas sociais acerca do “ser masculino”, muito embora constitua e referencie o personagem em sua posição de sujeito, o leva, por este mesmo motivo, a confrontar-se com o padrão normativo no qual Valentin se subjetivou e conseqüentemente a desafiar tal padrão. Pois seu posicionamento diverso do hegemônico ameaça a fixidez do axioma que

- 4219 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

delineou e modelou o “natural” e “correto” conceito cultural moderno de masculinidade.

Não é gratuita a repulsa de Valentin por Molina e o fato do militante sentir-se superior ou agir de forma rude com ele, pois esta repulsa e rudeza representam a defesa do personagem, ao sentir-se ameaçado, em face dos ditames do padrão de masculinidade no qual se constituiu e que, segundo João Silvério Trevisan (1998), levou ao fim da:

amizade apaixonada entre homens tão natural na Antiguidade. A rudeza, o antagonismo e a rivalidade [agem como] sintomas de defesa (formações reativas) contra manifestações de ternura dos homens entre si. (TREVISAN, 1998, p. 144-45)

Em uma cena do filme, quando eles ainda se antagonizam, Molina oferece metade de seu abacate a Valentin e este rejeita o oferecimento do alimento agindo de forma ríspida e sem nenhuma demonstração sincera de gratidão. Molina, muito incomodado, expressa o seu sentimento de incompreensão ante o comportamento em geral insensível dos homens. Ele diz:

Molina: [...] entendo que lhe ofereço metade do meu abacate e o joga na minha cara.

Valentin: Não aja assim! Está parecendo uma...

Molina: Uma o quê? Diga. Como uma mulher, foi o que quis dizer. O que há de errado em ser como uma mulher? Por que só as mulheres são sensíveis? Por que não um homem? Um cachorro? Ou uma bicha? Se mais homens agissem como as mulheres, não haveria tanta violência assim.

Valentin: Talvez tenha razão (*O BEIJO...*, 1985, cena 3).

Apesar de Molina nomear sua própria masculinidade (distinta da de Valentin) com a de uma “bicha”, reafirmando para o guerrilheiro e para si o estigma da masculinidade homossexual (pelo uso do termo), ou então legando às “mulheres” a sensibilidade como uma característica feminina (o que reafirma também a estereotipia do feminino), ele



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

está, com seu discurso, questionando antes de tudo o comportamento rude, grosseiro e violento de Valentin e expondo a identificação deste comportamento ao papel de gênero que o militante ocupa e que naturalizou.

Monica De Martino Bermúdez (1999, p. 288), ao analisar o conceito de masculinidade hegemônica, diz que “la heterosexualidad masculina es una construcción histórica a través de la cual se excluyeron otras formas de deseos y relaciones masculinas” que não se enquadram ao modelo hegemônico. Assim, o guerrilheiro se encontra tão identificado ao papel naturalizado de masculinidade, erigido socialmente, que age inconsciente de tal construção e, por seu turno, de sua reprodução.

Sara Salih (2012, p. 112), ao explicitar a ideia de hegemonia heterossexual na obra de Judith Butler, vai dizer que a noção de “‘hegemonia’ [de Gramsci] refere-se às estruturas de poder no interior das quais os sujeitos são constituídos por meio de coerção ideológica e não da coerção física.” Assim, a heterossexualidade se configurou de forma compulsória e a coerção ideológica opera na medida em que esta posição é apresentada ao sujeito como o único e o “natural” caminho à socialização.

Thomas Laqueur (2001, p. 193-194) diz que “no final do século XVII e ao longo do século XVIII a ciência passou a considerar, em termos aceitáveis à nova epistemologia, as categorias ‘masculina’ e ‘feminina’ como sexos biológicos opostos [...]”. Assim, a ciência, naquele momento a serviço de questões políticas, ao condicionar a invenção de dois sexos biológicos à correlação destes aos gêneros masculino e feminino, assegurou e deu o suporte a que as diferentes instituições estabelecessem tal invenção e correlação como norma social.

Desta forma, a cada sexo e gênero correspondente deve seguir-se também, de forma contumaz, o desejo sexual “natural” pelo sexo oposto, desejo este que se daria em virtude da necessidade instintiva humana de procriação e manutenção da espécie. Toda esta correlação normativa e compulsória naturalizou um modelo científico no qual qualquer outra orientação sexual ou identidade de gênero divergente da compreendida pelo “sexo biológico” passasse a ser considerada anormal, antinatural e, por seu turno, doentia.

- 4221 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

No que concerne ao filme analisado e à relação deste com as questões de gênero e sexualidades, como foi citado acima, fora os poucos momentos em que há o confronto direto entre os dois personagens, que se apresentam enquanto os acontecimentos “reais” da ficção em *O Beijo...*, as histórias narradas por Molina a Valentinagem como um desvio da narrativa do foco central de conflito entre os personagens, pois:

[...] en su diálogo imaginativo los personajes se van volviendo capaces, poco a poco, de derribar las barreras que los separan hechas de condicionamientos sociales que parecen perjudicarlos inicialmente el uno contra el otro. Al militante de izquierda, perfectamente masculino, de sexualidade ‘normal’, le repugna la mentalidade camp afeminada y em apariencia virgen de ideas politicas. A éste, por otra parte, le hiere el desprecio del guerrillero por sus preferencias cinematográficas. Puig deja que la subjetividad de los protagonistas se vaya articulando em las grietas de um biombo constituído por la narración de las películas (ECHAVARREN, 1978, p. 67-68).

Segundo Echavarren, os dois personagens principais de *O Beijo...* em geral não falam de si de forma direta, mas, sim, em grande parte das vezes, através das películas narradas por Molina. Esta narrativa indireta, construída pela ficção de Puig, se coloca como um anteparo na relação entre os dois personagens e possibilita a construção de um “juego de implicaciones donde aparecen cifrados la subjetividad y el deseo” (p. 66).

A narrativa ficcional informa aos poucos ao/à espectador/a, que apesar da quase total impossibilidade de relacionamento entre os protagonistas (em função da identificação do militante à masculinidade hegemônica em contraposição ao confronto com a masculinidade desviante de Molina), o encontro entre eles é passível de se estabelecer. Pois Puig, ao romper na ficção com os padrões sociais que legitimam o trinômio artificial de correspondência entre sexo/gênero/desejo, visto como “natural”, rígido e correlato, vai desestabilizar o status quo binário, cis/heteronormativo e viabilizar a possibilidade de uma troca significativa entre os dois personagens para além de tais construtos.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Judith Butler (2016) nos questiona sobre a necessidade de se tornar flexível o que se inventou e foi constituído socialmente, de forma rígida e estanque, acerca das categorias de sexo e gênero, e diz que tais construções ideológicas, ao serem minadas e desestabilizadas, permitem-nos uma nova visagem sobre estas que as tornem mais fluidas e intercambiáveis.

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino quanto um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino quanto um feminino (BUTLER, 2016, p. 26).

Desta forma, Manuel Puig, já em 1976, nos convida a refletir por meio da construção de sua narrativa e da concepção dos dois personagens de *O Beijo...*, que os papéis sociais normativos que interligam sexo e identidade de gênero (se observados para além da norma que os enrijeceram e restringiram) podem ser deslocados, e o respeito à expressão das diferentes subjetividades alcançado. Pois tais subjetividades, corporificadas, se se dispuserem de fato a um efetivo intercâmbio, levarão ao questionamento dos preconceitos e discriminações em curso e que conduzem ao abismo aparentemente intransponível na relação entre as pessoas.

3. A identificação do pesquisador à narrativa cênica de *O Beijo...*

Quanto ao processo de minha própria identificação pessoal com a obra, a primeira informação que avalio ser relevante é o contexto sócio-político contemporâneo no qual se situa o enredo do romance e que deu origem à peça e ao filme: um país Latino-Americano onde se dá uma ditadura militar. Contexto este também vivido por mim (dentro e fora de casa) quando da recepção do espetáculo em 1981/1982.

Um dos personagens é de orientação homossexual, imaginativo, romântico, sentimental e identificado ao feminino materno. Já o outro é heterossexual “rude e grosseiro, militante opositor político do regime”. Assim, observo, através da descrição sucinta dos caracteres gerais que delineiam a construção dos protagonistas de *O Beijo...* (melhor

- 4223 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

explicitada ao longo da análise do filme), a estreita semelhança entre os dois personagens e entre eu e

meu pai. Pois apesar da identificação deste último à ideologia política de direita, em antagonismo à do guerrilheiro Valentin, ambos se irmanavam na visão de mundo na qual o homem cisgênero e heterossexual é o modelo e, ao mesmo tempo, a referência de superioridade frente às mulheres, LGBTs, etc.

Tanto no contexto da novela, quanto da peça e do filme, a dificuldade relacional inicial entre Molina e Valentin se dá pelas distintas e aparentemente incompatíveis identificações ideológicas, de identidade de gênero e orientação sexual de cada personagem e pela conseqüente rejeição de um em relação ao outro em função de preconceitos e discriminações sociais existentes. Tal contexto relacional antagônico, explícito através da narrativa do espetáculo teatral e depois do filme de Babenco, se aproximava muito dos posicionamentos de diferentes ordens que existiam entre eu e meu pai. Uma dificuldade relacional importante entre nós dois, por exemplo, foi o fato de eu não querer seguir a carreira militar e, ao mesmo tempo, talvez não atender às características de personalidade que, para ele, indicariam que eu era um “homem de verdade”. Isto é claro, segundo a concepção na qual foram subjetivados meu pai e o personagem de Valentin. Esse antagonismo implícito na relação entre um homossexual e um heterossexual (embora na ficção de *O Beijo...* não fosse de ordem parental) e que ameaça a heteronormatividade, me conduziu ao afastamento de meu pai até quase o final da vida dele.

Giancarlo Cornejo (2012, p. 76) diz que, “como Sedgwick afirma, e meu pai nunca pode sequer considerar: ‘Para um menino afeminado protogay, identificar-se com o masculino pode implicar seu próprio apagamento. O que a cultura me demandava era que me desvanecesse.’” Embora eu não tenha sido (aos meus olhos) uma criança ou um jovem afeminado, minha não afinidade com o “mundo social dos homens” (por rejeição e/ou resistência) e minha identificação ao “mundo social das mulheres” talvez tenha favorecido certa rejeição de meu pai a mim pelo fato dele associar tal identificação ao feminino à minha orientação homossexual. Assim, o meu posicionamento de gênero

- 4224 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

distinto do de um jovem identificado ao padrão masculino, bem como minha orientação sexual desviante da norma heterossexual, promoveram um conflito relevante, embora implícito e subliminar, na relação entre meu pai e eu.

Pude observar também, de forma semelhante, esta mesma rejeição e conflito entre os dois protagonistas da ficção criada por Puig. De forma inconsciente, a recepção de *O Beijo...*, naquele momento de minha vida, lançou-me em um processo de identificação com a obra que, na ocasião, eu não tinha elementos para conseguir entender e, muito menos, elaborar. Edgar Morin (2014, p. 131) nos diz que “o cinema, como o sonho, como o imaginário, desperta e revela identificações vergonhosas, secretas...” que arrebatam os sujeitos e os colocam frente a frente consigo mesmos. Neste caso em particular, este despertar de identificações se deu inicialmente através do teatro. Por este motivo, talvez, o espetáculo tenha ficado marcado (e guardado) em meu inconsciente/consciente à espera do momento certo de ser lembrado e melhor elaborado.

4. Para além dos estereótipos de sexo e gênero a fim de um possível encontro entre duas pessoas

Valentin e Molina terão muitas experiências em comum ao longo do filme, experiências estas que farão com que os dois personagens se conheçam mais e se aproximem um do outro para além dos preconceitos, estereótipos de gênero, sexualidades e diferenças ideológicas que os impediam até então de se relacionar sem tais máscaras. Essa troca contínua de vivências e o conhecimento mútuo do universo de experiências de cada um, bem como a forma pela qual individualmente se expressam, favorecem que ambos se defrontem com as suas próprias limitações pessoais (ao se observarem por meio um do outro) e, com isso, se voltem para si, reflitam sobre seus posicionamentos e, ao se autoanalisarem e reverem, se modifiquem.

Em um momento importante de *O Beijo...*, após uma cena em que se dá o maior conflito entre os protagonistas e que Valentin tem um acesso de raiva e critique agressivamente a identidade de gênero de Molina, este vai, depois de passado algum tempo do ocorrido, oferecer bombons ao militante. Os bombons, que supostamente Molina teria recebido

- 4225 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

de sua mãe, estão dentro de uma grande caixa vermelha em formato de coração. Molina, teatralmente, leva a caixa ao peito como se ela significasse o seu próprio coração e a oferece a Valentin que está encolhido e amuado no canto da cama. Quando Molina percebe que há algo de errado com o parceiro de cela, pergunta:

Molina: Qual o problema? Não gosta de doces?

Valentin: É sobre esta manhã. Meu acesso. Sinto muito.

Molina: Que bobagem!

Valentin: Nem era com você que eu estava zangado. Mas talvez eu esteja zangado com você.

Molina: Por quê?

Valentin: Porque você é tão generoso. Não quero me sentir obrigado a tratá-lo do mesmo modo.

Molina (cantando): “Incapaz de aceitar... Incapaz de dar”.

(Molina sorri, abre a caixa de bombons e a coloca em cima da cama. A câmera corta para um Plano de detalhe² na caixa em que estão os bombons e Molina a empurra em direção a Valentin. Este último também sorri. Corta) (O *BEIJO...*, 1985, cena 4).

Com este diálogo curto relacionado à cena anterior em que se deu o acesso de raiva de Valentin e sua conseqüente agressividade dirigida à Molina, percebe-se o quanto o militante se sente ameaçado em sua masculinidade pela forma como reage ao comportamento generoso do outro personagem, que faz com que ao mesmo tempo ele sinta raiva e afeto por Molina. Há uma ambigüidade em seus sentimentos. Valentin neste momento da narrativa sente vergonha por seu comportamento defensivo e violento e se culpa por tratar mal Molina. Afinal, este último havia sido solidário com ele em várias situações e sua raiva homofóbica revela a Valentin um comportamento incongruente e injusto em face da atitude cuidadosa de Molina em relação ao

² “Plano de detalhe (PD) – Mostra um detalhe do rosto, de uma parte do corpo, de um objeto” (ARAÚJO, 1995, p. 63).



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

guerrilheiro. Molina, por sua vez, sente-se finalmente reconhecido, considerado e, assim, gratifica-se pelas palavras e o pedido de desculpas de Valentin.

O mote das cenas seguintes é esta crescente influência mútua e a contínua aproximação entre os dois personagens. Valentin vai se enternecer cada vez mais por Molina e este, por seu turno, também revê sua postura egoísta e desonesta em relação ao companheiro de cela. Molina havia feito um acordo com o diretor da prisão (José Lewgoy) e um chefe de polícia (Milton Gonçalves) para ser o informante deles em troca de sua liberdade. Molina os informaria sobre os passos da guerrilha em curso através de suas conversas com Valentin. Este foi o motivo, inclusive, de, estrategicamente, ter sido colocado na mesma cela que o guerrilheiro.

No entanto, o envolvimento afetivo de Molina por Valentin e sua crescente compreensão acerca do significado da militância do companheiro de cela irão fazer com que Molina mude de posicionamento e não queira mais trair e delatar Valentin. Ele começa a procrastinar os informes e ao mesmo tempo se aproveita da situação para ganhar tempo e solicitar mantimentos especiais a fim de que ambos possam ter momentos mais agradáveis juntos na prisão.

Mais para o final do filme acontece uma bonita e importante cena na qual Molina se revela bastante fragilizado pelo sentimento afetivo que nutre por Valentin e, ao mesmo tempo, pela enorme tristeza ao se dar conta da falta de perspectiva quanto à uma possível realização emocional em sua vida. Valentin, que neste momento já está também bastante mobilizado emocionalmente por sua crescente proximidade com Molina, pede para tocá-lo, o abraça carinhosamente e o apoia em um momento terno e íntimo que se desdobra em um encontro sexual.

Na cena como um todo, que muito me impactou quando a assisti através do espetáculo teatral, vê-se que, apesar das distintas identificações de cada um e dos condicionamentos sociais que constituíram as diferentes posições de sujeito de Molina e Valentin, é a disponibilidade de afetar e ser afetado e a abertura subjetiva ao outro o que torna possível o relacionamento entre os dois. Assim, cada um deles, ao ir além de

- 4227 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

seus conceitos e preconceitos, consegue caminhar rumo à construção de algo em comum que amplia a percepção de ambos em face de si mesmos e do outro.

Puig, por meio de Babenco, nos convida a refletir através dos desdobramentos da narrativa de *O Beijo...*, que as correlações normativas estanques que restringem nossos comportamentos e atitudes individuais (no que se referem às categorias de sexo/gênero/desejo, dentre outras) podem em algum momento ser superadas e os limites estabelecidos transpostos a partir delas.

Gustavo Massaro (2014), ao falar sobre o impacto que o filme (e que acrescento também a peça teatral) tem na relação com o/a espectador/a, vai dizer:

O cinema é um olhar para dentro, um encontrar na subjetividade as visões mais verdadeiras bloqueadas pela instância social. A câmera vai procurar surpreender trazendo novas configurações, permitindo a busca da diferença (MASSARO, 2014, p. 64).

Assim, é através de um filme (ou de uma peça), ao agir enquanto mediador deste olhar para dentro por meio da recepção da obra pelo/a espectador/a, que podemos ser mobilizados/as e desbloqueados/as ao contato sutil e íntimo de nossas próprias vivências subjetivas e emocionais desconhecidas. Pois foi assim, através de minha identificação ao relacionamento entre Molina e Valentin, que fui mobilizado, lá atrás e agora, a conhecer e, assim, compreender melhor o relacionamento com meu próprio pai.

Conclusão

Alguns elementos significativos resultam da análise da obra fílmica em questão e a relação desta com os temas de estudo intencionados. Em primeiro lugar chamo atenção para o corajoso e precursor esforço de Puig, ao escrever a novela em 1976, bem como o posterior esforço de Babenco de realizar a adaptação para o cinema em 1985. Ambos os artistas iluminaram criticamente um contexto relacional difícil entre duas pessoas tão diferentes e em momentos históricos nos quais as discussões sobre questões de gênero e sexualidades ainda eram restritas. Assim, as disputas ideológicas presentes neste tenso

- 4228 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

e intenso debate que se iniciava sobre as masculinidades hétero, homo e só posteriormente das pessoas trans vão ser apresentadas por Puig e Babenco em suas obras enquanto eixos centrais das mesmas.

Mesmo que o contexto ficcional das obras (literária, cênica e fílmica) discuta também uma situação social de opressão política, percebe-se que tal discussão se apresenta de forma paralela à trama, como pano de fundo, e, muito embora não menos importante, esta se coloca correlacionada à temática central de gênero e sexualidades. Pois a questão principal proposta por Puig, em minha análise, a partir do filme dirigido por Babenco, é em que medida a micropolítica, presente na esfera das relações humanas, pode propiciar mudanças significativas no modo de cada sujeito perceber a vida, vivê-la e conseqüentemente se relacionar com o outro. E Babenco, por meio das interpretações sensíveis e precisas de William Hurt e Raul Julia, conseguiu demonstrar isso, respeitando também as intenções de Puig presentes em sua novela.

Já quanto à análise do filme e à relação desta com a minha própria história pessoal e familiar, pude identificar, através da observação dos dois personagens principais, aspectos bastante importantes que compõem e dão sentido ao jogo psíquico que forja as identificações e desidentificações que nos constituem e produzem, por seu turno, as nossas diferentes posições de sujeito. Neste jogo imaginário, percebi que agimos como atrizes e atores de um filme (ou de uma peça de teatro) compondo um/a determinado/a personagem à/ao qual estaremos identificados/as e a partir da/o qual nos relacionaremos a outros/as neste jogo “de cena” que chamamos de viver.

Cada um/a de nós, sem uma direção prévia que nos ajude na criação do papel, é convidado/a a acolher e a introjetar certas características que considera as mais adequadas à/ao personagem que vamos gestando e, por opção ou não, muitas vezes definimos pela escolha de um lado e/ou outro da moeda das oposições e binarismos de gênero que acreditamos nos favorecerem mais em nossa compreensão subjetiva e objetiva das coisas. Não há fórmula, não há cartilha que nos indique o caminho certo a seguir. Apenas vamos intuindo e tateando às escuras na construção daquilo que nos afasta e/ou aproxima do que “somos nós” e do que “são os outros” ao mesmo tempo.

- 4229 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Apesar de não ter tido tempo com meu pai em vida a fim de compreender melhor o jogo de cena no qual atuamos e tentar, quem sabe, mudá-lo, eu posso hoje, ainda bem, analisar o filme (ou a peça) de nossa história em comum, em retrospecto, e tentar compreender o personagem que cada um de nós construiu. Foi neste filme (ou peça), em que compusemos dois personagens de maneira inicialmente inconsciente (e depois também consciente), que nos deixamos levar acreditando que eram de verdade (embora fossem somente personagens de nossa ficção imaginária).

Houve um movimento de aproximação, de minha parte, e um gesto de carinho, por parte de meu pai, que já quase no fim da vida dele nos redimiu de nosso distanciamento e nos permitiu, assim como a Valentin e Molina, transpor as diferenças e (des)identificações individuais que (os) nos afastaram e pudéssemos nos reaproximar um pouco. Que bom que nos demos, permitimos e/ou criamos esta oportunidade! Este *gran finale*. Que bom que, para além de nossas máscaras sociais que por tanto tempo nos distanciaram, pudemos nos ver e rever, na parte final do filme em que contracenamos juntos, apenas como pai e filho!

Referências

ARAUJO, Inácio. **Cinema – O mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. Anexo. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BERMÚDEZ, Mónica De M. Connel y el concepto de masculinidades hegenónicas: notas críticas desde la obra de Pierre Bourdieu. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, 1999. pp. 283-300.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2016.

BRETON, David Le. Corpo, Gênero, Identidade. In: FERRARI, Anderson; RIBEIRO, Cláudia M.; de CASTRO, Roney P.; BARBOSA, Vanderlei (orgs.).

- 4230 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Corpo, Gênero e Sexualidades. Lavras: UFLA, 2014. Pp. 19-34.

ECHAVARREN, Roberto. El Beso de la Mujer Araña y las metáforas del sujeto.

Revista IberoAmericana, Vol. XLIV, Núm. 102-103, Enero-Junio 1978. pp. 6575.

Disponível em: <

<http://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/3231/3413>>. Acesso em: 01 de ago. de 2016.

HARDING, Sandra. Existe un método feminista?. In: BARTRA, Eli (Orgª).

Debates em torno a uma metodología feminista. Ciudad de México: PUEG, 2002. pp. 9-34.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo – Corpo e gênero dos gregos a Freud.**

Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEKITSCH, Stevan. **Cine Arco-Íris, 100 anos de cinema LGBT nas telas brasileiras.** São Paulo: GLS, 2011.

MASSARO, Geraldo. **E se o psicodrama tivesse nascido no cinema?.** São Paulo: Ágora, 2014.

MORENO, Antônio. **A personagem homossexual no cinema brasileiro.** Rio de Janeiro: EdUFF. 2002.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário. Ensaio de Antropologia Sociológica.** São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

PIZARRO, Marcio. A masculinidade em cena ou encena?. In: Vários autores. **Masculinidade em crise.** Porto Alegre: APPOA, 2005. Pp. 226-240.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual.** São Paulo: n-1 edições, 2014.

SARA, Salih. **Judith Butler e a teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

- 4231 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

SENA, Tito; LAGO, Mara C. S.; GROSSI, Miriam P. Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: sexualidades, estatísticas e normalidades – configurando a persona numerabilis. In: GROSSI, Miriam P.; LAGO, Mara C. de S.; NUERNBERG, Adriano, H. **Estudos in(ter)disciplinados. Gênero, Feminismo, Sexualidade**. Florianópolis: Ed. Das Mulheres, 2010. pp. 235-256.

TREVISAN, João S. **Seis balas num buraco só – A crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Referência filmográfica

BABENCO, Hector. **O Beijo da Mulher Aranha**. [Filme – DVD]. RAMALHO Jr. F. EUA-BRA, 1985, 120min., color. son.